



“TEUS OLHOS TÊM LÁGRIMAS, ASSIM COMO OS MEUS”: A POESIA ATIVISTA DE YOGMAYA NEUPANE PELOS DIREITOS DAS MULHERES NEPALESAS

“YOUR EYES HAVE TEARS, JUST LIKE MINE”: THE ACTIVIST POETRY OF YOGMAYA
NEUPANE FOR THE RIGHTS OF NEPALISH WOMEN

Sílvia Ester Orrú*

Resumo: O presente artigo tem como cenário a influência cultural e religiosa do hinduísmo no estabelecimento de uma sociedade e governo altamente patriarcal e machista no Nepal do final do século XIX e decorrer do século XX. O propósito principal é apresentar a história de vida e a potência do ativismo poético de Yogmaya Neupane, mulher nepalesa progressista e pioneira na luta pelos direitos das mulheres de seu povo durante a dinastia Rana. A principal referência acadêmica aos estudos sobre a vida e a obra de Yogmaya são da autora Barbara Aziz, presentes ao longo do texto com versos que foram traduzidos do nepalês. Conclui-se que a poetiza e líder espiritual contribuiu significativamente para o nascimento dos ideais feministas junto ao seu povo e, ainda hoje, permanece como ícone entre os movimentos sociais e acadêmicos pelas mulheres e menos favorecidos.

Palavras-chave: Yogmaya Neupane. Hinduísmo. Ideais feministas. Direitos das Mulheres. Poesia de resistência.

Abstract: This article takes as its backdrop the cultural and religious influence of Hinduism in the establishment of a highly patriarchal and sexist society and government in Nepal at the end of the 19th century and throughout the 20th century. The main purpose is to present the life story and the power of poetic activism of Yogmaya Neupane, a progressive Nepalese woman and pioneer in the fight for women's rights among her people during the Rana dynasty. The main academic reference to studies on Yogmaya's life and work comes from the author Barbara Aziz, present throughout the text with verses that were translated from Nepali. It is concluded that the poet and spiritual leader contributed significantly to the birth of feminist ideals among her people and, even today, remains an icon among social and academic movements for women and those less favored.

Keywords: Yogmaya Neupane. Hinduism. Feminist ideals. Women's Rights. Poetry of resistance.

* Doutora em Educação. Docente da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasil. E-mail: seorru7@gmail.com



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No percurso da história da humanidade é notável a existência de um padrão de organização social pautado nos parâmetros patriarcais onde a mulher se encontra subalternizada, oprimida, violentada, por vezes, invisibilizada na sociedade. Entende-se por patriarcado, segundo as referências teóricas feministas, o sistema de dominação e controle exercido pelos homens sobre as mulheres, bem como sobre as imposições do masculino nas formas de existir do feminino dentro do corpo social¹. Os tentáculos do patriarcado se estendem e se movimentam pelas mais diversas e diferentes esferas sociais, de modo que o patriarcalismo se sustenta como uma construção social entranhada na cultura e na vida cotidiana dos povos.

Nas sociedades mais complexas e desenvolvidas, as mulheres têm usufruído de suas conquistas e direitos alicerçados nos ideais feministas, contudo, não há direitos vitalícios, especialmente para as mulheres do agora e do porvir. Vigília, movimento e luta pelos direitos das mulheres ainda se mostram intensamente necessários uma vez que os ciclos de políticas conservadoras permanecem vívidos e sempre dispostos a sequestrarem as liberdades do feminino e legitimarem todas as formas de violência. Apesar dos discursos da União Europeia a favor dos direitos das mulheres, principalmente com foco nos continentes mais pobres do Sul Epistêmico (América Latina, África e Ásia), 1 homem em cada 3 europeus (27%) acredita que há justificativas para alguns casos de abusos sexuais, incluindo roupas curtas, a mulher ter feito uso de álcool ou ter convidado um homem para entrar em sua casa, dentre outras circunstâncias semelhantes. Embora cerca de 96% dos europeus se posicionem contrários à violência doméstica, 22% das mulheres afirmam terem sido vítimas de agressões físicas ou sexuais cometidas pelos seus parceiros².

¹ SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.; SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

² SÁNCHEZ, Á. Dia Internacional do combate à violência contra a mulher. **El País**, 25 nov. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/24/internacional/1479988023_880722.html. Acesso em: 04 dez. 2023.



A barbárie do feminicídio também é uma realidade em países como a Espanha, onde 99 mulheres foram mortas em 2023³, a Alemanha com 139 mortes em 2020⁴, a França com 118 assassinatos de mulheres, sendo 1 feminicídio a cada 3 dias por parceiros ou ex-parceiros⁵, o Canadá com 184 mulheres mortas em 2022⁶, os Estados Unidos onde 3 mulheres são mortas diariamente por um parceiro íntimo⁷. Na Suíça, 1 em cada 5 mulheres foi vítima de violência sexual⁸. Após 50 anos, em outubro de 2023, as mulheres da Islândia realizaram uma greve de 24 horas em protesto contra as disparidades salariais em relação aos homens⁹.

Desde os primórdios da formação das comunidades mais primitivas, a brutalidade patriarcal impacta na vida das meninas e das mulheres no âmbito familiar, laboral, educacional e religioso. Todas as civilizações se mostraram machistas e permanecem tóxicas para as mulheres, contudo, quanto mais enraizada no fundamentalismo patriarcal religioso, maior é a estrutura de opressão e subalternização da mulher, restringindo-a à procriação e objeto de serventia aos interesses do homem, quer sejam sexuais ou serviços.

No Nepal, pequeno país localizado no sul da Ásia, o hinduísmo é a principal religião entre a maioria da população, cerca de 80%. A fé hindu se sustenta na crença da reencarnação, na obediência aos guias espirituais e textos sagrados dos Vedas, no

³ FEMINICIDIO. Listado de feminicidios y otros asesinatos de mujeres cometidos por hombres en España en 2023. **Feminicidio**, 01 dez. 2023. Disponível em: <https://feminicidio.net/listado-de-feminicidios-y-otros-asesinatos-de-mujeres-cometidos-por-hombres-en-espana-en-2023/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

⁴ BOSEN, R. A persistência da violência contra a mulher na Alemanha, **DW**, 25 nov. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-persist%C3%A2ncia-da-viol%C3%A2ncia-contra-a-mulher-na-sociedade-alem%C3%A3/a-59937905>. Acesso em: 04 dez. 2023.

⁵ RFI. França teve 118 feminicídios em 2022; uma mulher é morta a cada 3 dias no país. **RFI**, 02 set. 2023. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/fran%C3%A7a/20230902-fran%C3%A7a-teve-118-feminic%C3%ADdios-em-2022-uma-mulher-morre-a-cada-3-dias-no-pa%C3%ADs>. Acesso em: 04 dez. 2023.

⁶ BOGDAN, S. Report on rise in femicides across Canada renews calls for changes in Criminal Code. **Global News**, 04 abr. 2023. Disponível em: <https://globalnews.ca/news/9598418/report-killing-women-girls-canada-femicide-definition-criminal-code/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

⁷ SANCTUARY FOR FAMILIES. The Silent Epidemic of Femicide in the United States. **Sanctuary for Families**, 10 mar. 2023. Disponível em: <https://sanctuaryforfamilies.org/femicide-epidemic/#:~:text=Femicide%20is%20prevalent%20in%20the%20U.S.&text=To%20put%20that%20into%20perspective,an%20intimate%20partner%20every%20day>. Acesso em: 04 dez. 2023.

⁸ SWISSINFO. Uma em cada cinco mulheres suíças foi vítima de violência sexual. **Swissinfo**, 22 maio 2019. Disponível em: https://www.swissinfo.ch/por/sociedade/estudo_uma-em-cada-cinco-mulheres-su%C3%ADas-foi-v%C3%ADtima-de-viol%C3%A2ncia-sexual/44980788. Acesso em: 04 dez. 2023.

⁹ BRYANT, M. Iceland PM joins crowd of 100,000 for full-day women's strike. **The Guardian**, 24 out. 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2023/oct/24/iceland-prime-minister-joins-womens-strike-katrin-jakobsdottir>. Acesso em: 04 dez. 2023.



culto a diversos deuses e deusas, e no sistema de castas como modelo organizacional da sociedade e divisão de classes. Neste sistema de crença, a ordenação de castas classifica indivíduos ou agrupamento de pessoas tendo como base sua condição socioeconômica. Cada categoria é derivada de uma parte do corpo do deus Brahma (boca, braços, coxas e pés). As castas são assim divididas: Brâmanes/Brahmins: Professores, intelectuais e sacerdotes que se acredita terem vindo da cabeça de Brahma e representam sua mente e olhos Kshatriyas: Guerreiros, governantes e administradores que se acredita terem vindo dos braços de Brahma e representam suas armas Vaishyas: Comerciantes, comerciários, artesãos e agricultores que se acredita terem vindo das coxas e pernas de Brahma e representam suas pernas. Sudras: Trabalhadores manuais que se acredita terem vindo dos pés de Brahma. Os *Dálits* (antigamente chamados de intocáveis/*untouchable*) são os mais discriminados, sendo obrigados a servir às outras castas superiores¹⁰. Portanto, no hinduísmo, a divisão da sociedade se firma conforme a família na qual o indivíduo nasce, de modo que aquele que nasce em uma casta inferior, deve aceitar seu *Karma* e cumprir seu destino. A sociedade de castas é estruturadamente patriarcal e favorece a violência de gênero e todas as formas de crimes cometidos contra meninas e mulheres. No Nepal, 51,04% da população são mulheres e a esmagadora maioria sofre com os impactos da extrema pobreza e do machismo estrutural legitimado pelos fundamentos religiosos do hinduísmo¹¹.

No Nepal, de acordo com dados do INSEC¹², em 2022 foram registradas 4.339 denúncias de violências contra mulheres e 1.404 contra meninas. Foram documentados diversos casos de vítimas de tráfico, alegação de bruxaria, abuso sexual, estupros, além de inúmeros casos de violência doméstica, sendo que 111 se configuraram como feminicídio. O relatório aponta que 25 mulheres foram vítimas de violência em decorrência do dote destinado ao casamento e 1 foi morta por esse motivo (no sistema de dote a família da noiva paga um valor em dinheiro ou em bens à família do futuro

¹⁰ ANDRADE, J. Teoria do Karma, sistema das castas e conceito da reencarnação e seu impacto na sociedade indiana: uma leitura antropológico-filosófica. **Basiliade – Revista de Filosofia**, Curitiba, v. 2, n. 4, p. 85-98, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/basiliade/article/view/241/134>. Acesso em: 25 ago. 2023.

¹¹ CENTRAL BUREAU OF STATISTICS. Nepal - Preliminary Report of National Population 2021. **Censusnepal**, 27 jan. 2022. Disponível em: <https://censusnepal.cbs.gov.np/Home/Details?tpid=5&dcid=3479c092-7749-4ba6-9369-45486cd67f30&tfsid=17>. Acesso em: 05 dez. 2023.

¹² INFORMAL SECTOR SERVICE CENTER (INSEC). **Study Report of the Incidents of Violence Against Women and Children**. Kathmandu: INSEC, 2023.



marido – e como o montante do dote é determinado pela casta, quanto mais elevada for a casta, maior o dote). Em alguns casos de assassinatos de mulheres, os acusados alegaram ter se tratado de suicídio. Não obstante, é crescente o número de mulheres que optam pelo autoextermínio em razão de seu intenso sofrimento por violência doméstica¹³. Nos últimos 10 anos, 17.790 mulheres e meninas nepalesas foram estupradas, diariamente, cerca de 7 meninas ou mulheres são diariamente estupradas no país¹⁴.

Segundo dados do *Little Sisters Fund*¹⁵, cerca de 30% das meninas estão vulneráveis à exploração do trabalho infantil e do tráfico de pessoas para trabalho escravo e mercado do sexo. Mais de 70% das meninas deixam a escola por volta dos 16 anos, 37% se casam antes dos 18 anos, de modo que antes de completarem 20 anos, muitas já são mães de 3 filhos. Em razão do trabalho pesado, inclusive durante a gravidez, registra-se que 1 em cada 10 mulheres (cerca de 1 milhão) sofre com o prolapso uterino, cerca de 20% recebe tratamento gratuito do governo, no entanto, por não poderem descansar e mudar seu estilo de vida, essas mulheres permanecem em grande sofrimento¹⁶.

Segundo Moura¹⁷, aproximadamente 12 mil crianças são vítimas do tráfico de pessoas para exploração sexual, trabalho forçado e tráfico de órgãos; muitas são estupradas diariamente. Inúmeras meninas são violentadas de todas as formas na promessa de uma vida melhor, sendo aprisionadas em bordéis clandestinos camuflados de restaurantes e casas de massagem. Cerca de 54% das nepalesas são traficadas para a Índia diariamente, caracterizando-se, segundo o Protocolo de Palermo disposto pela

¹³ INSEC, 2023.

¹⁴ THE RISING NEPAL. VAW On Rise, Seven Rape Cases Reported Daily In Nepal.

Old.risingnepaldaily, 07 abr. 2021. Disponível em:

<https://old.risingnepaldaily.com/mustread/violence-against-women-on-the-rise-seven-rape-cases-reported-daily-in-nepal>. Acesso em: 05 dez. 2023

¹⁵ LITTLE SISTERS FUND (LSF). Facts About Girls Education In Nepal. **LittleSistersFund.org**, 04 mar. 2020. Disponível em: <https://littlesistersfund.org/2020/03/04/6-facts-about-girls-education-in-nepal/>. Acesso em: 08 ago. 2023.

¹⁶ SINGH, R. *et al.* The relationship between pelvic organ prolapse and short birth intervals in a rural area of Nepal. **Tropical Medicine and Health**, v. 49, n. 5, 15 jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1186/s41182-021-00298-z>.

¹⁷ MOURA, V. S. Spirit Me Away: The women and girls lost to trafficking in Nepal. **Al Jazeera**, 08 mar. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/gallery/2020/3/8/spirit-me-away-the-women-and-girls-lost-to-trafficking-in-nepal>. Acesso em: 14 ago. 2023.



Convenção das Nações Unidas no ano 2000¹⁸, tráfico internacional de pessoas. Quanto a vida laboral, a maioria das mulheres vive na informalidade e recebe cerca de 30% a menos que os homens¹⁹.

Na tradição milenar da cultura religiosa do hinduísmo (frequentemente relacionada ao mito de que Indra teria criado a menstruação como uma forma de maldição²⁰) desde seu primeiro ciclo menstrual, as meninas são exiladas de suas famílias, mensalmente, por um período de 5 a 7 dias em uma pequena cabana abandonada e sem janelas. Ainda hoje, em determinadas regiões do Nepal, especialmente nas áreas mais remotas, o rito denominado *Chhaupadi* (estar impura, ser intocável) acompanha toda a vida da mulher até sua entrada na menopausa. Consideradas impuras durante o período menstrual, elas vivenciam o medo e todas as formas de humilhação, abandono e privações. Por descaso e ausência de educação sexual, muitos acreditam que é um desperdício de dinheiro comprar absorventes higiênicos ou panos limpos que virão a ser descartados a cada ciclo menstrual. Em razão da falta de condições básicas para o autocuidado e higiene durante esse período, muitas mulheres acabam sendo vítimas de graves problemas relacionados à saúde reprodutiva²¹.

As ações de violência contra o feminino, incluindo o *Chhaupadi*, remontam a séculos e ainda se mostram persistentes na cultura nepalesa, mesmo que na atualidade exista leis que proíbam tais práticas. Importante ressaltar que o confinamento em razão do ciclo menstrual atinge as meninas e as mulheres de todas as castas, o que se diferencia é a forma e a rigidez como é praticado, sendo que a tradição *Chhaupadi* afeta cruelmente aquelas que se encontram em maior vulnerabilidade socioeconômica. A

¹⁸ OHCHR. General Assembly resolution 55/25. Protocol to Prevent, Suppress and Punish Trafficking in Persons Especially Women and Children, supplementing the United Nations Convention against Transnational Organized Crime. **Ohchr**, 15 nov. 2000. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/protocol-prevent-suppress-and-punish-trafficking-persons>. Acesso em: 03 jun. 2024.

¹⁹ OHCHR. Nepal must now deliver on promise of social justice - UN human rights expert. **Ohchr.org**, 09 dez. 2021. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=27936&LangID=E>. Acesso em: 07 ago. 2023.

²⁰ GARG, S.; ANAND, T. Menstruation related myths in India: strategies for combating it. **J Family Med Prim Care**. V. 4, n. 2, p. 184-186, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4408698/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

²¹ JOSHI, S. Chhaupadi practice in Nepal: a literature review. **World Medical & Health Policy**, v. 14, n. 1, p. 121-137, mar. 2022. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/wmh3.491>. Acesso em: 28 ago. 2023.



sociedade de castas pautada no fundamentalismo religioso, predominantemente machista, fere brutalmente os corpos femininos há milhares de anos.

O presente artigo tem como cenário a influência cultural e religiosa do hinduísmo no estabelecimento de uma sociedade e governo altamente patriarcal e machista no Nepal do final do século XIX e decorrer do século XX. O propósito principal é apresentar a potência do ativismo poético de Yogmaya Neupane, mulher nepalesa progressista e pioneira na luta pelos direitos das mulheres de seu povo durante a dinastia Rana. A principal referência acadêmica aos estudos sobre a vida e a obra de Yogmaya são da autora Barbara Nimri Aziz, presentes ao longo do texto.

YOGMAYA NEUPANE: ESPIRITUALIDADE E RESISTÊNCIA

Até a década de 90, a literatura poética das mulheres nepalesas não era reconhecida em sua importância na sociedade e nos meios literários que eram representados e frequentados, predominantemente, por homens²². No entanto, as mulheres nepalesas sempre buscaram linhas de fuga para ecoarem suas vozes, suas denúncias, suas lutas contra o patriarcado e seus movimentos de transformação social pelos direitos das mulheres.

Yogmaya, cujo nome era Mayadevi Neupane, nasceu em uma família brâmane (membros hereditários da casta sacerdotal) entre o ano de 1860 a 1868 em Majhuwabeshi, distrito de Bhojpur, Nepal. Foi a primogênita, seguida de mais dois irmãos homens. Alguns autores sugerem que Yogmaya, refém da tradição daquela época, foi obrigada a se casar entre os 5 e 9 anos de idade com um menino chamado Manorath Koirala que veio a falecer 3 anos depois. Maltratada e desconsiderada pelos sogros, supostamente por ser uma criança viúva, regressou à família de seu pai, onde permaneceu sofrendo maus-tratos e humilhações. Em sua adolescência, ela conheceu um adolescente brâmane e com ele fugiu para Assam, região ao nordeste da Índia, onde se casaram e viveram juntos por 10 anos até, novamente, tornar-se viúva. Algum tempo depois, ela se casou com um outro homem da mesma região que também veio a falecer,

²² HUTT, M. J. **Himalayan Voices: An Introduction to Modern Nepali Literature**. Trad. Michael James Hutt. Berkeley: University of California, 1991.



de modo que decidiu não mais se casar. Acredita-se que sua filha tenha sido fruto do terceiro casamento²³.

Outros estudos sugerem que Yogmaya foi casada aos 7 anos de idade com o menino Koirala. Em razão de violência doméstica por parte de seus sogros, ela teria tentado retornar por algumas vezes à casa de sua família, contudo, seu pai e sua comunidade não a receberam bem e a mandaram regressar para a casa dos sogros. Ao regressar à família de seu marido, seus sogros se recusaram em aceitá-la de volta de modo que Yogmaya voltou à casa de seu pai que resolveu permitir, ainda que contrariado, que ela ficasse em sua casa. Nesta versão, Yogmaya não era uma criança viúva, ela teria fugido da casa de seus sogros em razão de maus-tratos e Koirala teria se casado com outras duas mulheres após sua fuga²⁴. Mesmo vivendo sua adolescência em uma sociedade conservadora e opressora, ela teria se envolvido discretamente com um adolescente brâmane chamado Kandel, com quem teria fugido e se casado em Assam, distante do conhecimento de sua comunidade no Nepal. Nesta narrativa, seu segundo marido não teria morrido, eles teriam se separado amigavelmente depois de uma década juntos e Yogmaya teria partido com sua filha²⁵. Autores sugerem que somente após a morte de seu segundo marido, ela teria se casado com um homem chamado Dotel. Há dúvidas se ela teria dado à luz a duas filhas ou apenas à Nainakala Neupane, de quem se tem registro²⁶.

Em 1917, após tomar a decisão de não mais se casar e de viver uma vida espiritualmente resignada, o que era raro na cultura de sua época, Yogmaya voltou para a sua aldeia de origem. Com o propósito de viver plenamente ao estilo asceta, entregou sua filha aos cuidados de seu irmão e cunhada, abrindo mão de tudo o que a impedisse de viver uma vida de renúncia. Alguns estudos sugerem que Yogmaya teve como influência o pensamento de Dayananda Saraswati, líder reformista hindu. A partir desta etapa de sua vida, ela viajou por muitos lugares e conheceu diversos líderes religiosos,

²³ DEVI, P. K. **Why I became a Hindu**. Índia: Jagannatha Vallabha Vedic Research Center, 2018.; PãṇḍE, V. **Women Participation in Nepali Labour Movement: Study Report**. Nepal: General Federation of Nepalese Trade Unions, 2001.; HUTT, M. Nepal: Yogmaya Neupane: Nepal's first female revolutionary. **Peacewomen**, 04 maio 2011a. Disponível em: <https://www.peacewomen.org/content/nepal-yogmaya-neupane-nepals-first-female-revolutionary>. Acesso em: 07 dez. 2023.

²⁴ NIHARIKA, N. K. **योगमाया (Yogmaya)**. Nepal: Sangri-La Books, 2018.; THAPA, S. M. **Feminist Perspective in the Novel Yogmaya**. Nepal: Tribhuvan University, 2021.

²⁵ NIHARIKA, 2018.

²⁶ HUTT, 2011a.



incluindo Swargadwari Mahaprabhu Abhayananda, que a iniciou no yoga²⁷. Yogmaya dedicava-se intensamente à prática espiritual do Sadhana, reservando-se por muitas semanas ao jejum e à meditação, por vezes, junto a fogueiras no interior de cavernas frias durante o rigoroso inverno do Nepal. Para ela, se existe uma divindade, um Deus sem forma e inerente a todas as espécies, um Deus semelhante em todos os seres humanos, não há fundamento que possa sustentar quaisquer discriminações alicerçadas em construções sociais como gênero, raça, etnia, casta, entre tantos²⁸.

Nesta fase de sua vida foi que Yogmaya começou a recitar poemas para seus familiares e outras pessoas interessadas. Por ser analfabeta, eram seus discípulos que registravam seus poemas, incluindo Chandra Bahadur Basnet, que posteriormente, construiu uma cabana para sua guia espiritual e publicou parte de seus poemas em Sikkim, um estado ao nordeste da Índia e fronteiro com o Butão, Tibete e Nepal. O pensamento inspirador e revolucionário de Yogmaya influenciou de maneira impactante a população da região e ecoou por muitos lugares de onde vinham pessoas para ouvi-la com anseio de vida, esperança e liberdade. Trilhando o caminho da espiritualidade, ela resistiu com firmeza a ortodoxia patriarcal hindu que oprimiu e violentou milhares de mulheres, pessoas em condições de extrema pobreza e pertencentes a castas inferiores, com as mais diversas injustiças sociais²⁹.

De acordo com Barbara Azis³⁰, pesquisadora do Centro de Estudos do Nepal e da Ásia, da Universidade de Tribhuvan, a poetiza era uma mulher de habilidade excepcional que desafiou diretamente o regime da dinastia Rana e o poder exercido por meio do bramanismo (antiga filosofia religiosa indiana), que sofreu modificações durante os milênios e é, atualmente, nominada de hinduísmo, cuja estrutura impera no Nepal.

Entre as muitas atrocidades da dinastia Rana que foram perpetuadas por meio de práticas religiosas obscurantistas ligadas ao hinduísmo, estava o *sati*. No costume associado à Sati, divindade feminina hindu da felicidade conjugal que se sacrificou por devoção amorosa, as mulheres viúvas deveriam ser sacrificadas nas fogueiras das piras

²⁷ DEVI, 2018.

²⁸ DEVI, 2018.; NEUPANE, D. Dynamics of Social Aberrations in Yogmaya's Sarvartha Yogavani. **International Journal of Literature and Arts**, v. 11, n. 5, p. 227-232, 31 out. 2023. Acesso em: 17 dez. 2023.

²⁹ AZIZ, B. N. **Heir to a Silent Song**: Two Rebel Women of Nepal. Kathmandu, Nepal, Tribhuvan University: Centre for Nepal and Asian Studies, 2001.; DEVI, 2018.; LAMA, K. Yogmaya and Durga Devi: Different Modes of Resistance to Patriarchy. **The Outlook: Journal of English Studies**, Pokhara, Nepal, 12, July 2021. p. 16-23. DOI: <https://doi.org/10.3126/ojes.v12i1.38748>.

³⁰ AZIZ, 2001.



funerárias de seus maridos como demonstração de fidelidade ao homem que a possuiu em vida, já que a ele devia sua existência e ela não teria nenhum valor após sua morte. Embora não conste nada explícito nos textos sagrados hindus se referindo ao sacrifício de viúvas, a tradição do *sati* versa desde o século V a.C e passou a ter algumas conotações distintas ao longo do tempo e a depender da influência religiosa nos povos. Contudo, *sati* representa o status divino que é alcançado pela viúva depois de seu sacrifício, tornando-se uma Sati (deusa) que protegerá o caminho de seus familiares³¹.

É justo dizer que nem todos os homens hindus aprovaram o *sati* em suas comunidades nepalesas e que nem todas as mulheres hindus decidiram pelo sacrifício. No entanto, há que se dizer que a prática de base patriarcal é misógina e afetou muitas vidas femininas na história da (des)humanidade, especialmente no Nepal e na Índia, mas também em outras tradições presentes em regiões da Ásia como a Rússia, Fiji e Vietnã³². Lamentavelmente, ainda que considerado raro, há relatos em sites de notícias de *sati* acontecidos nos últimos anos, o que evidencia que a tradição ainda permanece em brasas culturais:

Em 1987, na aldeia de Deorala, no Rajastão, uma mulher casada de 18 anos chamada Roop Kanwar foi forçada a se tornar Sati quando o seu marido morreu após oito meses de casamento. Ela recusou. Consequentemente, um grupo de homens da aldeia a drogou e a imolou à força. A polícia investigou o caso e os homens foram presos. À luz deste incidente, o governo criou a Lei de Prevenção de Sati, tornando ilegal forçar ou encorajar uma mulher a cometer Sati, e qualquer pessoa que o fizesse seria punida com a morte. E, no entanto, algumas viúvas ainda optam por se tornar Sati – pelo menos quatro casos deste tipo foram registrados entre 2000 e 2015³³.

Há que se dizer também que em decorrência do casamento precoce vivenciado por milhares de meninas que são dadas ao matrimônio desde a primeira infância para homens muito mais velhos, inclusive para homens já idosos, faz-se alta a probabilidade desses virem a morrer e essa menina ou jovem mulher se tornar viúva. Nas sociedades altamente patriarcais que perpetuavam o *sati* em sua cultura, essas meninas e mulheres poderiam ser obrigadas ou induzidas a se sacrificarem junto aos seus maridos recém

³¹ BOTELHO, O. D. C. **A discriminação da Mulher pelas religiões:** um estudo sobre a magnitude da culpa religiosa. São Paulo: Agbook, 2018.

³² JAIN, R. The History Behind Sati, a Banned Funeral Custom in India. **The culture trip**, 25 out. 2022. Disponível em: <https://theculturetrip.com/asia/india/articles/the-dark-history-behind-sati-a-banned-funeral-custom-in-india#:~:text=Sati%20was%20at%20its%20peak,like%20Russia%2C%20Fiji%20and%20Vietnam.> Acesso em: 18 dez. 2023.

³³ JAIN, 2022, p. 1, tradução nossa.



falecidos. Embora o hinduísmo reprove e condene o suicídio, o *sati* não era entendido pelos seus defensores como uma aberração, uma incitação religiosa ao suicídio de mulheres. A prática do *sati* foi oficialmente erradicada no Nepal em 08 de julho de 1920.

A prática maligna continuou a prevalecer até a época dos Ranas, antes de ser finalmente erradicada da sociedade nepalesa contemporânea em 1920 d.C. O trabalho de reforma social contra o Sati começou na década de 1850, durante a época de Jung Bahadur Rana. Ele criou um conjunto de regras para controlar e desencorajar esta prática terrível, proibindo mulheres com menos de 16 anos de cometerem Sati. Da mesma forma, se a mulher tivesse mais de um marido ou se estivesse grávida, o Sati seria ilegal. Ironicamente, quando Jung Bahadur morreu em 25 de fevereiro de 1877, todas as suas três esposas cometeram Sati. Quarenta e três anos depois, o costume foi finalmente abolido em 8 de julho de 1920 pelo então primeiro-ministro de Rana, Chandra Shumsher. Exatamente 101 anos se passaram desde então e ainda assim, uma figura importante na abolição de Sati continua a ser deixada de fora da narrativa. Diz-se que Yogmaya Neupane, uma ativista e asceta, desempenhou um papel proeminente no lobby contra os males de Sati Pratha. Por muito tempo, Neupane permaneceu desconhecida entre as massas³⁴.

Autores sugerem que a própria Yogmaya Neupane, por ter sido uma viúva, fundou a primeira associação de mulheres no Nepal em 1906 d.C., a Nari Samiti, como forma de enfrentamento ao sistema *sati* e de luta contra as injustiças sociais às mulheres³⁵. Yogmaya lutou e resistiu ao sistema autocrático de Rana por mais de trinta anos, porém, ao perceber que eles eram irredutíveis quanto à violência às mulheres e às pessoas de castas inferiores, ela decidiu se sacrificar como forma de ameaça (embora se configure um protesto, sua intenção era realmente intimidar) ao governo.

Como assassinar um brâmane ou forçar um brâmane a tirar sua vida era considerado um pecado na filosofia hindu e também era punível pelo código civil nepalês (*Muluki Ain* 1854), ela usou a ameaça de acabar com sua vida como uma estratégia de resistência para abalar o governo. Sendo de uma família brâmane conhecida como piedosa, cujo dano era considerado como dano a Deus, ela usou sua encarnação para ameaçar o governo e o sistema político. Ela organizou a autoimolação pelo fogo em 1938 junto com 204 seguidores, mas foi detida e colocada na prisão. Depois de passar mais de três meses na prisão, ela marchou novamente para a autoimolação, desta vez na água³⁶.

³⁴ KSHATRI, S. 101 Years Of Sati Pratha Abolition In Nepal. **The Rising Nepal**, Kathmandu , Nepal, p. 2, 10 jul. 2021. Disponível em: <https://old.risingnepaldaily.com/mustread/101-years-of-sati-pratha-abolition-in-nepal>. Acesso em: 18 dez. 2023, tradução nossa.

³⁵ GHIMIRE, A. Yogmaya Neupane: The Unknown Rhetorician and the Known Rebel. **Peitho: Journal of the Coalition of Feminist Scholars in the history of Rhetoric**, v. 24, n. 3, p. 17-28, 2022. Disponível em: <https://cfshrc.org/wp-content/uploads/2022/06/Recoveries-and-Reconsiderations-1.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2023.

³⁶ GHIMIRE, 2022, p. 18, tradução nossa.



Muitos foram os protestos de Yogmaya a favor das mulheres, das pessoas de castas inferiores, dos injustiçados de sua época. Como forma de rechaço e protesto às barbáries cometidas pela dinastia Rana, a feminista revolucionária e poetiza progressista, fez sua escolha pelo suicídio sacrificial em 14 de julho de 1941, provavelmente entre seus 73 e 81 anos de idade, atirando-se no denso rio Arun, em Bhojpur, leste do Nepal. Motivadas por seu exemplo de resistência aos atos do governo tirano, outras 67 pessoas também se lançaram no rio. Nenhum dos corpos chegou a ser encontrado. Em 08 de março de 2011, no dia internacional de luta pelos direitos das mulheres, uma estátua em sua homenagem foi erguida na cidade de Bhojpur³⁷.

A POESIA ATIVISTA DE YOGMAYA NEUPANE

No início do século XX, a sociedade nepalesa se encontrava sob o domínio dos hindus com suas crenças e práticas extremamente conservadoras. A dureza da hierarquia de castas e o patriarcado brâmane consumiam qualquer possibilidade de respeito às mulheres, principalmente aquelas mais pobres e às *dálits*, consideradas impuras e intocáveis, cujo *karma* se firma na eterna servidão hereditária a todas as demais castas. Todas as formas de violência cultural e social, bem como todas as brutalidades físicas e psicológicas eram vivenciadas pelas meninas e mulheres nepalesas. Neste contexto, Yogmaya, corajosamente, levanta sua voz contra o sistema patriarcal hindu e impacta na construção da consciência social de seu povo por meio de seus versos revolucionários que foram reunidos em uma coleção intitulada *Hazurban*³⁸.

Sendo voz entre inúmeras pessoas silenciadas e anuladas pelas barbáries de Rana, Yogmaya escolheu por mais de três décadas o caminho da paz e da não violência para guiar seus seguidores. Seus versos líricos denunciaram a tirania e a corrupção dos governantes, a exploração animalésca do trabalho para enriquecimento dos ricos, as fraudes e injustiças dos juízes, os abusos dos credores, os brâmanes com sua rigidez, hipocrisia e arrogância, além dos mais diversos males de sua sociedade contemporânea. Irritados com a popularidade de Yogmaya, ministros do governo de Rana a declararam como um perigo à sociedade e proibiram qualquer menção a ela e aos seus versos em

³⁷ HUTT, M. The Iconisation of Yogmaya Neupane. **Soscbaha**, 04 maio 2011b. Disponível em: <https://soscbaha.org/lecture-series/the-iconisation-of-yogmaya-neupane/>. Acesso em: 07 dez. 2023. (lecture series XLIX).

³⁸ LAMA, 2021.



todo o país. Difamada de louca, prostituta e rebelde, seu nome foi apagado da história oficial do Nepal até mais de meio século após sua morte e seu livro foi proibido de ser lido até o ano 2000³⁹.

Apesar do apagamento de Yogmaya da história oficial de seu país durante cerca de 70 anos, muitos relatos sobre ela, sua luta e seus poemas permaneceram vivos na memória e na contação de histórias de seu povo. Até o início dos anos 2000, não se tinha certeza de que ela não seria apenas um mito, mas, hoje, sabe-se que Yogmaya realmente existiu, pois ainda há 14 famílias Neupane na aldeia em que nasceu e seus membros relataram com clareza o seu lugar na linhagem familiar para pesquisadores das áreas da antropologia, sociologia, história e literatura⁴⁰.

Em seu livro, *Heir to a Silent Song: Two Rebel Women of Nepal*⁴¹, Barbara Nimri Aziz, pioneira nos estudos acadêmicos sobre Yogmaya, recupera e compila seus poemas que foram proibidos pelo governo nepalês. Estudados por pesquisadores diversos em contextos de movimentos sociais e feministas, suas composições são consideradas revolucionárias e radicais⁴².

Yogmaya desenvolve imensos sentimentos rebeldes em relação aos valores sociais bramânicos discriminatórios desde a sua tenra idade. Ela executa suas características dissidentes muito graciosamente em sua vida. Ela desafia a autoridade religiosa hindu fugindo com um homem que ama, apesar de ser uma viúva-criança. Sem dúvida, a sua fuga demonstra a sua resistência, bem como o seu forte golpe contra a autoridade patriarcal que encarcera a liberdade das mulheres⁴³.

Seus versos abrigavam toda a profundidade de seu pensamento feminista transbordado na sociedade nepalesa conservadora do início do século XX. A singularidade da cultura nepalesa e de seu idioma se mostram colossalmente desafiadores para os pesquisadores e estudiosos da cultura ocidental avançarem nas traduções dos poemas de Yogmaya Neupane. A partir do acolhimento de seus versos originais por Barbara Aziz, outras mulheres nepalesas, também pesquisadoras, debruçaram-se nos estudos interpretativos para gestarem uma tradução mais próxima possível do pensamento da poetiza. Aziz faz a seguinte consideração em nota de rodapé

³⁹ GHIMIRE, 2022.; NEUPANE, 2023.

⁴⁰ HUTT, 2011b.; AZIZ, B. N. **Yogmaya & Durga Devi: Rebel Women of Nepal**. Kathmandu, Nepal: Mandala Book Points, 2020.

⁴¹ AZIZ, 2001.

⁴² GHIMIRE, 2022.

⁴³ LAMA, 2021, p. 18, tradução nossa.



sobre seu trabalho de tradução: “Minhas traduções do começo ao fim são interpretações vagas. O texto nepalês foi extraído do livro de *Hazurbani*. Embora os originais possam conter alguns erros, nós os deixamos intactos”⁴⁴.

Nos versos que se seguem, a pensadora avante de seu tempo, enfrenta a supremacia brãmãne e denuncia as desigualdades sociais em que seu povo vivia, ao mesmo tempo, escancara o desprezo que os homens tinham pelas mulheres. Os versos se apresentam em nepalês seguidos da tradução interpretativa do inglês para o português.

Figura 1 - Verso A

म भगवान होइन । म समाजले तिरस्कार र घृणा गरेको मान्छे हुं।

Fonte: Aziz⁴⁵

Eu não sou Deus.
Eu sou aquela que é desprezada e descartada pela sociedade⁴⁶.

Figura 2 - Verso B

अधम भक्ति हूं बिन्ति लेख्तछू,
तिम्ना लोकको हाल् यो देख्तछू,
बिन्ति गर्दछू हित् छ बिन्ति येही
तिम्ना लोकमा स्थिति छैन केही॥

Embora eu seja como um grão,
faço-vos uma petição.
Informem-se sobre as nossas condições.
Não temos benefícios, não temos ajuda.
Enquanto houver injustiça, faço-vos uma petição⁴⁷.

Fonte: Aziz⁴⁸

Segundo Aziz⁴⁹, Yogmaya tinha como seu alvo principal o bramanismo, propagado pelos sacerdotes brãmãnes, que estabelecia duras e inflexíveis regras que privilegiavam alguns e escravizava o restante do povo, principalmente as mulheres de todas as castas. Seu segundo objetivo era atacar com veemência o Primeiro-Ministro e seus generais que juntos, perpetuaram a corrupção e as extremas desigualdades e

⁴⁴ AZIZ, 2001, p. 33, tradução nossa.

⁴⁵ AZIZ, 2001, p. xxxvii.

⁴⁶ GHIMIRE, 2022, p. 24 *apud* AZIZ, 2001, p. xxxvii, tradução nossa.

⁴⁷ AZIZ, 2001, p. 37, tradução nossa.

⁴⁸ AZIZ, 2001, p. 37.

⁴⁹ AZIZ, 2001.



injustiças sociais. Com sua sabedoria e inteligência, ela mostrava aos nepaleses que o bramanismo e o governo Rana estavam interligados em suas atrocidades contra a população e especialmente contra as mulheres: “Não estou apenas mirando esse tirano. O meu alvo é o Ponto Zero”⁵⁰.

Figura 3 - Verso C

ब्राह्मण् भई सर्व चिज्को विक्रि गरेको,
मालिक् भई दुस्त्रिहरूको वृत्ति हरेको।
अहिले गर्छौं भलाद्मिहो आफ्ना खुशइले,
भित्र जरा हालि सक्यो लोभि घुस्इले॥

Fonte: Aziz⁵²

Hoje em dia,
Brâmanes vivem como querem.
Como lordes, saqueiam os pobres.
Corrompidos, vendem a sua confiança.
Como são profundas as raízes da sua ganância⁵¹.

Figura 4 - Verso D

लोभ्ले गर्दा धर्मको नष्ट पारी,
नियाँ त्यसको थियो लियो घुस हकारी॥
दोहोरो त्यो दण्ड त्यसैमा लगायो,
थियो जित्ने मुद्दा त्यो मुद्दा हरायो॥

Fonte: Aziz⁵⁴

Virtude, maculada pela ganância.
Justiça, desfeita por subornos.
Ainda que inocentes, perdemos.
Assim, somos duplamente punidos⁵³.

No próximo verso, a poetiza evoca o princípio da igualdade, da paridade e do respeito mútuo expressados na metáfora de uma criança, definida pela parceria de duas pessoas em condição de igualdade. Suas palavras recorrem às origens humildes e comuns de todos nós. Considerando o bramanismo e a hereditariedade da sociedade de castas de seu tempo, seu pensamento era considerado uma blasfêmia e insulto ao governo. Sua perspectiva de sociedade e de mundo somente se concretizaria pelo fim das discrepâncias de castas. Para tanto, ela conclamava seu povo a viver de modo diferente, sendo recíprocos incondicionalmente uns com os outros por meio da educação, do casamento e de todas as relações sociais. Suas palavras recordam (fazem passar novamente ao coração) que não devemos perder nossa sensibilidade, que todas

⁵⁰ AZIZ, 2001, p. xv, tradução nossa.

⁵¹ AZIZ, 2001, p. 33, tradução nossa.

⁵² AZIZ, 2001, p. 33.

⁵³ AZIZ, 2001, p. 41, tradução nossa.

⁵⁴ AZIZ, 2001, p. 41.



as pessoas têm suas necessidades, sonhos e dores. Suas lágrimas correm junto com as de mulheres e homens que estão presos pelas leis de castas que determinam pessoas a serem inferiores e a sofrerem com grandes privações⁵⁵.

Figura 5 - Verso E

तेरा काखको मै नानी,
मेरा काखको तै नानी ।
दोस्रो त अर्को होइनन्,
तेरै आँखा भित्र देख् पानी ॥

Eu sou a criança que está em teu colo.
Tu és o meu bebê;
Não há nada entre nós, absolutamente nada.
Teus olhos têm lágrimas, assim como os meus⁵⁶.

Fonte: Aziz⁵⁷

Figura 6 - Verso F

थितिदेखि बेथिति ता भएकै छ अइले,
त्यही थिति बिग्रनाले बिन्ती गरें मैले॥
आमामीले पहिले कर्जा तिरिसकेछ,
साहु भन्ने लोभीले ता बाँकी भनेछ॥

Com a ordem em desordem.
Eu rezo para que a razão retorne
Este homem pagou sua dívida.
Então, por que o homem rico mente?⁵⁸

Fonte: Aziz⁵⁹

Os poemas de Yogmaya são fecundados na sensibilidade e no espírito de resistência, resiliência e luta. Embora recorresse à estratégias de combate ao governo e aos brâmanes sem luta armada, sua fala e escrita eram cirúrgicas e sem nenhuma dose de inocência quanto as crueldades contra o povo nepalês.

⁵⁵ AZIZ, 2001.

⁵⁶ AZIZ, 2001, p. 33, tradução nossa.

⁵⁷ AZIZ, 2001, p. 33.

⁵⁸ AZIZ, 2001, p. 63, tradução nossa.

⁵⁹ AZIZ, 2001, p. 63.

**Figura 7 - Verso G**

जङ्गल् सुसोभित् बनवारि पारी,
पर्वत्खडा छन्, अति भारि भारी।
बस्ति नजिक्मा पनि छैन वहाँ,
तप् गर्नलाई अति बेस् छ त्याहाँ॥

Fonte: Aziz⁶¹

A floresta é maravilhosa,
as nossas montanhas são majestosas.
Sem casas, um lugar para uma eremita.
Assim, eu oro. Eu medito⁶⁰.

Figura 8 - Verso H

धिरेधिरे यो कलिका स्वभाव टानेछन्,
माहा राज्का पल्टन् सबै सपेत पार्ने छन्।
जान्ने त म जान्ने हुइन याति भने लौ,
अहिले हत्पत् गर्नु छैन पछि बुझ्ने छौ॥

Fonte: Aziz⁶³

O governo de um homem mau não pode durar.
Seu exército certamente ruirá.
Por mais impotente que eu seja, eu direi:
Seu reinado acabará⁶².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Yogmaya Neupane não foi um mito, uma lenda dos tempos penosos da sociedade nepalesa dos primórdios do século XX. Ela foi uma mulher que, desde a sua mais tenra idade, padeceu a penúria da sociedade de castas de seu país. Destemida, resistiu às normativas do bramanismo que obrigava ou induzia as viúvas, mesmo que ainda fossem meninas, ao suicídio como forma de devoção máxima ao seu marido falecido. Tendo se casado, tornou-se mãe de uma menina e viveu as aflições de ser mulher e mãe em um mundo feito apenas para homens. Insurgente, escolheu o caminho da espiritualidade e da resistência para lutar pelos mais pobres e abrir os primeiros caminhos para os direitos das meninas e das mulheres nepalesas que ela não chegou a desfrutar.

Após o sacrifício de Yogmaya e seus seguidores como forma de atacar vitalmente o governo Rana de sua época, sua história foi sendo invisibilizada pela ação das autoridades nepalesas. A proibição de qualquer menção ao seu nome, a sua

⁶⁰ AZIZ, 2001, p. 53, tradução nossa.

⁶¹ AZIZ, 2001, p. 53.

⁶² AZIZ, 2001, p. 37, tradução nossa.

⁶³ AZIZ, 2001, p. 37.



consciência e campanha política a favor das mulheres e dos mais pobres, aos seus atos de protesto, aos seus escritos, resultaram em seu apagamento dos livros históricos do Nepal por pelo menos 70 anos. Mas como um presente-surpresa da vida, seus versos (*Hazurbani*) sobreviveram no tempo, foram resgatados, devolvidos à história de seu povo e estão sendo lidos e sentidos por muitas pessoas que anseiam por governos justos e humanizados, bem como pelo fim de todas as formas de violência contra meninas e mulheres.

Por fim, conclui-se que a poesia ativista de Yogmaya Neupane, mulher, poetiza e líder espiritual, contribuiu significativamente para o nascimento dos ideais feministas junto à sociedade nepalesa e, na atualidade, permanece como ícone entre os movimentos sociais e acadêmicos pelas mulheres e demais pessoas menos favorecidas.

Quando a ganância e a maldade desaparecem,
A terra tremerá, os corruptos cairão.
[...] Ouça o meu verso.
É hora de justiça
Yogmaya Neupane⁶⁴.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. Teoria do Karma, sistema das castas e conceito da reencarnação e seu impacto na sociedade indiana: uma leitura antropológico-filosófica. **Basiliade – Revista de Filosofia**, Curitiba, v. 2, n. 4, p. 85-98, jul./dez. 2020. Disponível em:

<https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/basiliade/article/view/241/134>.

Acesso em: 25 ago. 2023.

AZIZ, B. N. **Heir to a Silent Song: Two Rebel Women of Nepal**. Kathmandu, Nepal, Tribhuvan University: Centre for Nepal and Asian Studies, 2001.

AZIZ, B. N. **Yogmaya & Durga Devi: Rebel Women of Nepal**. Kathmandu, Nepal: Mandala Book Points, 2020.

BOGDAN, S. Report on rise in femicides across Canada renews calls for changes in Criminal Code. **Global News**, 04 abr. 2023. Disponível em:

<https://globalnews.ca/news/9598418/report-killing-women-girls-canada-femicide-definition-criminal-code/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

BOSEN, R. A persistência da violência contra a mulher na Alemanha, **DW**, 25 nov. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-persist%C3%A2ncia-da-viol%C3%A2ncia-contra-a-mulher-na-sociedade-alem%C3%A3/a-59937905>. Acesso em: 04 dez. 2023.

⁶⁴ AZIZ, 2001, p. 42, tradução nossa.



BOTELHO, O. D. C. **A discriminação da Mulher pelas religiões**: um estudo sobre a magnitude da culpa religiosa. São Paulo: Agbook, 2018.

BRYANT, M. Iceland PM joins crowd of 100,000 for full-day women's strike. **The Guardian**, 24 out. 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2023/oct/24/iceland-prime-minister-joins-womens-strike-katrin-jakobsdottir>. Acesso em: 04 dez. 2023.

CENTRAL BUREAU OF STATISTICS. Nepal - Preliminary Report of National Population 2021. **Censusnepal**, 27 jan. 2022. Disponível em: <https://censusnepal.cbs.gov.np/Home/Details?tpid=5&dcid=3479c092-7749-4ba6-9369-45486cd67f30&tfsid=17>. Acesso em: 05 dez. 2023.

DEVI, P. K. **Why I became a Hindu**. Índia: Jagannatha Vallabha Vedic Research Center, 2018.

FEMINICÍDIO. Listado de feminicídios y otros asesinatos de mujeres cometidos por hombres en España en 2023. **Feminicidio**, 01 dez. 2023. Disponível em: <https://feminicidio.net/listado-de-feminicidios-y-otros-asesinatos-de-mujeres-cometidos-por-hombres-en-espana-en-2023/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

GARG, S.; ANAND, T. Menstruation related myths in India: strategies for combating it. **J Family Med Prim Care**. V. 4, n. 2, p. 184-186, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4408698/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

GHIMIRE, A. Yogmaya Neupane: The Unknown Rhetorician and the Known Rebel. **Peitho: Journal of the Coalition of Feminist Scholars in the history of Rhetoric**, v. 24, n. 3, p. 17-28, 2022. Disponível em: <https://cfshrc.org/wp-content/uploads/2022/06/Recoveries-and-Reconsiderations-1.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2023.

HUTT, M. J. **Himalayan Voices**: An Introduction to Modern Nepali Literature. Trad. Michael James Hutt. Berkeley: University of California, 1991.

HUTT, M. Nepal: Yogmaya Neupane: Nepal's first female revolutionary. **Peacewomen**, 04 maio 2011a. Disponível em: <https://www.peacewomen.org/content/nepal-yogmaya-neupane-nepals-first-female-revolutionary>. Acesso em: 07 dez. 2023.

HUTT, M. The Iconisation of Yogmaya Neupane. **Soscbaha**, 04 maio 2011b. Disponível em: <https://soscbaha.org/lecture-series/the-iconisation-of-yogmaya-neupane/>. Acesso em: 07 dez. 2023. (lecture series XLIX).

INFORMAL SECTOR SERVICE CENTER (INSEC). **Study Report of the Incidents of Violence Against Women and Children**. Kathmandu: INSEC, 2023.



JAIN, R. The History Behind Sati, a Banned Funeral Custom in India. **The culture trip**, 25 out. 2022. Disponível em: <https://theculturetrip.com/asia/india/articles/the-dark-history-behind-sati-a-banned-funeral-custom-in-india#:~:text=Sati%20was%20at%20its%20peak,like%20Russia%2C%20Fiji%20and%20Vietnam>. Acesso em: 18 dez. 2023.

JOSHI, S. Chhaupadi practice in Nepal: a literature review. **World Medical & Health Policy**, v. 14, n. 1, p. 121-137, mar. 2022. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/wmh3.491>. Acesso em: 28 ago. 2023.

KSHATRI, S. 101 Years Of Sati Pratha Abolition In Nepal. **The Rising Nepal**, Kathmandu, Nepal, p. 2, 10 jul. 2021. Disponível em: <https://old.risingnepaldaily.com/mustread/101-years-of-sati-pratha-abolition-in-nepal>. Acesso em: 18 dez. 2023.

LAMA, K. Yogmaya and Durga Devi: Different Modes of Resistance to Patriarchy. **The Outlook: Journal of English Studies**, Pokhara, Nepal, 12, July 2021. p. 16-23. DOI: <https://doi.org/10.3126/ojes.v12i1.38748>.

LITTLE SISTERS FUND (LSF). Facts About Girls Education In Nepal. **LittleSistersFund.org**, 04 mar. 2020. Disponível em: <https://littlesistersfund.org/2020/03/04/6-facts-about-girls-education-in-nepal/>. Acesso em: 08 ago. 2023.

MOURA, V. S. Spirit Me Away: The women and girls lost to trafficking in Nepal. **Al Jazeera**, 08 mar. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/gallery/2020/3/8/spirit-me-away-the-women-and-girls-lost-to-trafficking-in-nepal>. Acesso em: 14 ago. 2023.

NEUPANE, D. Dynamics of Social Aberrations in Yogmaya's Sarvartha Yogavani. **International Journal of Literature and Arts**, v. 11, n. 5, p. 227-232, 31 out. 2023. Acesso em: 17 dez. 2023.

NIHARIKA, N. K. **योगमाया (Yogmaya)**. Nepal: Sangri-La Books, 2018.

OHCHR. General Assembly resolution 55/25. Protocol to Prevent, Suppress and Punish Trafficking in Persons Especially Women and Children, supplementing the United Nations Convention against Transnational Organized Crime. **Ohchr**, 15 nov. 2000. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/protocol-prevent-suppress-and-punish-trafficking-persons>. Acesso em: 03 jun. 2024.

OHCHR. Nepal must now deliver on promise of social justice - UN human rights expert. **Ohchr.org**, 09 dez. 2021. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=27936&LangID=E>. Acesso em: 07 ago. 2023.

PāṇḍE, V. **Women Participation in Nepali Labour Movement**: Study Report. Nepal: General Federation of Nepalese Trade Unions, 2001.



RFI. França teve 118 feminicídios em 2022; uma mulher é morta a cada 3 dias no país. **RFI**, 02 set. 2023. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/fran%C3%A7a/20230902-fran%C3%A7a-teve-118-femic%C3%ADdios-em-2022-uma-mulher-morre-a-cada-3-dias-no-pa%C3%ADs>. Acesso em: 04 dez. 2023.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SÁNCHEZ, Á. Dia Internacional do combate à violência contra a mulher. **El País**, 25 nov. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/24/internacional/1479988023_880722.html. Acesso em: 04 dez. 2023.

SANCTUARY FOR FAMILIES. The Silent Epidemic of Femicide in the United States. **Sanctuary for Families**, 10 mar. 2023. Disponível em: <https://sanctuaryforfamilies.org/femicide-epidemic/#:~:text=Femicide%20is%20prevalent%20in%20the%20U.S.&text=To%20put%20that%20into%20perspective,an%20intimate%20partner%20every%20day>. Acesso em: 04 dez. 2023.

SINGH, R. *et al.* The relationship between pelvic organ prolapse and short birth intervals in a rural area of Nepal. **Tropical Medicine and Health**, v. 49, n. 5, 15 jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1186/s41182-021-00298-z>.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SWISSINFO. Uma em cada cinco mulheres suíças foi vítima de violência sexual. **Swissinfo**, 22 maio 2019. Disponível em: https://www.swissinfo.ch/por/sociedade/estudo_uma-em-cada-cinco-mulheres-su%C3%ADas-foi-v%C3%ADtima-de-viol%C3%A2ncia-sexual/44980788. Acesso em: 04 dez. 2023.

THAPA, S. M. **Feminist Perspective in the Novel Yogmaya**. Nepal: Tribhuvan University, 2021.

THE RISING NEPAL. VAW On Rise, Seven Rape Cases Reported Daily In Nepal. **Old.risingnepaldaily**, 07 abr. 2021. Disponível em: <https://old.risingnepaldaily.com/mustread/violence-against-women-on-the-rise-seven-rape-cases-reported-daily-in-nepal>. Acesso em: 05 dez. 2023

Recebido em: 20 dez. 2023.

Aceito em: 03 jun. 2024.